REPENSANDO A QUESTÃO ÉTNICA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Fernanda Gabriela Soares dos Santos, UFSM
fernandagssantos@yahoo.com.br
Valeska Fortes de Oliveira, UFSM
guiza@terra.com.br

PROBLEMÁTICA ANUNCIADA E DESENVOLVIDA

Inclassificáveis

(Arnaldo Antunes)

Do CD "Silêncio"

Que preto, que branco, que índio o quê?
Que branco, que índio, que preto o quê?
Que índio, que preto, que branco o quê?
Que preto branco índio o quê?
Branco índio preto o quê?
Índio preto branco o quê?

Aqui somos mestiços mulatos
Cafuzos pardos mamelucis sararás
Crilouros guaranisseis e judárabes

Orientupis orientupis
Ameriquítalos luso nipo caboclos
Orientupis orientupis
Iberibárbaros indo ciganagôs

Somos o que somos
Inclassificáveis

Não tem um, tem dois
Não tem dois, tem três
Não tem lei, tem leis
Não tem vez, tem vezes
Não tem Deus, tem Deuses
Não há sol a sós

Aqui somos mestiços mulatos
Cafuzos pardos tapuias tupinamboclos
Americarataís yorubárbaros

Somos o que somos
Inclassificáveis

Que preto, que branco, que índio o quê?
Que branco, que índio, que preto o quê?
Que índio, que preto, que branco o quê?
Não tem um, tem dois
Não tem dois, tem três
Não tem lei, tem leis
Não tem vez, tem vezes
Não tem deus, tem deuses
Não tem cor, tem cores
Não há sol a sós

Egipciganos tupinamboclos
Yorubárbaros carataís
Caribocarijós orientapuias
Mamemulatos tropicaburés
Chibarrosados mesticigenados
Oxigenados debaixo do sol

Quantas vezes nos perguntamos sobre o inexpressivo número de alunos negros nos bancos escolares? Em que momento de nossa formação discutimos a temática racial brasileira? Que argumentos utilizamos quando um aluno discrimina o seu colega em sala de aula? Estamos preparados para lidar com os mecanismos sutis de discriminação racial? Caso estejamos, de que maneira?

Essas e outras questões inquietam a autora desde os primórdios de sua formação. Ou melhor, desde a mais tenra idade, pois a formação entendida aqui se dá desde o nosso nascimento e não apenas a partir de nosso ingresso na universidade. A partir da dimensão profissional articulada com a questão pessoal do professor.

A inquietação nasce com o cansaço frente aos silenciamentos, ao não-dito sobre o racismo. Exprime-se na maneira de ver o mundo e de dizer não a qualquer tipo de intolerância, seja ela racial, religiosa, entre outras.

A questão maior é que não há caminhos prontos, a discussão racial é um devir, uma construção diária de cada professor em sua atitude cotidiana. O professor que não entende a sociedade como miscigenada, que traz consigo um racismo histórico, jamais poderá construir um discurso de igualdade na sala de aula.

Somos em sala de aula exatamente aquilo que somos como pessoa e se temos preconceitos mal resolvidos arraigados por diferentes questões em nós dificilmente conseguiremos trabalhar em nossos alunos a idéia de um respeito à diversidade. Ensino exatamente a partir da dimensão daquilo que sou.

Trago à discussão exatamente este caminho, a idéia de que precisamos discutir já nos cursos de formação o respeito à diversidade encontrada em sala de aula. Como na música citada no princípio de texto, porque sermos negros, brancos ou índios? Por que sermos um ou outro? O que nos define, nossa etnia ou o que somos?

A discussão que trago aqui é por que este questionamento não permeia os currículos de licenciaturas? Por que não nos importamos com a diversidade já que incontestavelmente vamos atuar em uma sala de aula em que cada um terá singularidades? Por que a falta de interesse com a discussão racial?

Em um trabalho realizado há algum tempo, através de entrevistas com sete educadores de uma escola pública, ficou clara a falta de comprometimento nos discursos dos educadores. Aqueles que não atuam em sala de aula não pensam como necessária a discussão racial. Por outro lado, professores que atuam preferem se calar nas situações de preconceito, acham melhor ignorar do que trazer à discussão como tema gerador.

Todos seguem o caminho mais conveniente, pensam que se não tocarem na temática não incomodam nem o aluno discriminado, que coincidentemente muitas vezes é o mais pobre, nem tampouco questionam

o aluno que oprimiu. Essa tem sido a atitude mais comum, em visita recente a uma escola pública em uma localidade um pouco mais distante também se percebe essa realidade arraigada enquanto forma de não enfrentamento ao racismo.

Quando se coloca aos educadores que esses alunos discriminados têm grandes possibilidades de vir a abandonar os bancos escolares, eles tendem a não considerar. Pensam que muitos outros motivos podem fazer um aluno abandonar a escola, mas que essa não é uma questão a ser considerada.

Para MOURA (1988): "Significa que, por mecanismos alienadores, a ideologia da elite dominante introjetou em vastas camadas de não-brancos os seus valores fundamentais. Significa também que nossa realidade étnica, ao contrário do que se diz, não se iguala pela miscigenação, mas, pelo contrário, diferencia, [...]'.

Embora as pessoas utilizem o argumento de que somos todos miscigenados, essa miscigenação vem, na verdade servindo muitos mais para que a discriminação seja velada do que para orgulho. Não costumamos ver nem ouvir nenhum tipo de valorização da cultura negra dentro do âmbito escolar, é como se não existissem motivos para se ter orgulho de ser negro.

A negritude passa a ser uma espécie de vergonha, pois um grande contingente de pessoas negras ocupam postos de trabalho considerados subalternos, ou são moradores de rua, a grande maioria das crianças que vivem na rua são de origem negra, um grande número de prostitutas, empregadas domésticas, garis, etc.

Neste sentido a barreira racial tem servido muito mais enquanto separação, ou seja, há um número considerável de pessoas negras pobres e não escolarizadas. Portanto à idéia de miscigenação soma-se também a idéia de pobreza da grande maioria das pessoas negras brasileiras.

Uma outra questão que também trago à discussão é o impressionante número de pessoas negras nos presídios brasileiros. Será que existiria uma inclinação natural dos negros ao crime? Ou, o que é mais palpável: será que nossa justiça também opera por mecanismos racistas? Quando um negro

pobre é acusado de qualquer crime, será que ele é julgado tal como um homem branco? Deixemos à realidade e o grande número de negros mortos no Carandiru falarem por si...

Pesquisas recentes também mostram que um grande número de traficantes presos nos últimos anos no Brasil são negros. Por quê? Será que os negros, em meio a tantas opções de bons trabalhos preferem o tráfico? Ou será que, na dura vida que levam no morro, o tráfico muitas vezes não se torna única alternativa de sobrevivência e muitas vezes uma forma de obter um certo respeito no morro. Dignidade esta que lhes foi negada desde o momento que seus antepassados pisaram em terras brasileiras.

Quantas vezes vamos atrás de uma criança negra que abandonou a escola? Em algum momento nos preocupamos que talvez um dia essa mesma criança acabe entrando para o mundo do crime? Qual professor se preocupou com elas? O abismo racial entre nós e eles, como se tem utilizado nos discursos fica claro nos dias de Passe-livre: momento em que grande parte da população pobre de Santa Maria desfruta da oportunidade de utilizar o transporte público sem necessitar pagar.

Em contrapartida, a elite branca odeia esse dia. O comércio da cidade de Santa Maria, por exemplo, não abre. As pessoas não saem de casa, têm medo de assaltos e as lancherias reclamam da bagunça nesses dias. Fica evidenciado neste contexto que somos nós e eles. A elite branca e a classe baixa pobre e que não sabe se comportar tal como a sociedade quer ou gostaria.

É nesse contexto que se situa minha pesquisa: quem somos nós e eles? Temos vergonha de ver pobres, desdentados, analfabetos na rua? Temos vergonha de tudo o que fizemos com eles? O que fazemos para modificar a situação? O que individualmente queremos? Quais as nossas revoluções cotidianas? Ou elas se perderam pelos tortos caminhos...

Para VALENTE (1991): "Em todo o lugar e a todo o momento, atitudes de preconceito e de discriminação se sucedem. No entanto, as pessoas fingem não ver e preferem não discutí-las."

No campo educacional também não poderia ser diferente, pois nos damos conta que reproduzimos na escola exatamente a mesma sociedade

hierárquica, machista e racista da qual estamos inseridos. Que tipo de democracia racial que discrimina todo o tempo? Por que necessitamos, por exemplo, de um elevador de serviço e de outro social? Partindo do pressuposto que as pessoas sejam iguais porque todas não podem se utilizar do mesmo elevador? Quem nos disse que deveria ser assim? E por que acreditamos e reproduzimos essa estrutura todo o tempo e em todos os lugares? Por que já não nos surpreendemos com o inexpressivo número de negros no ensino superior?

Deixo claro, outra vez que este trabalho não é um lamento sobre as injustiças que esse país fez com sua população negra. Não quero mais lamentar a história porque nossa dívida com a negritude é impagável. Meu objetivo não é fazer denúncias ou quiçá trazer uma teoria que possa modificar a estrutura escolar. Quem me dera eu tivesse um caminho pronto e soubesse exatamente os passos a seguir.

Também sou professora em exercício e repetidas vezes me vejo repensando minha própria prática. Muitas vezes também não sei se a maneira como agi foi a melhor possível. Inúmeras vezes questiono se tomei as decisões certas. Não acredito em fórmulas prontas para a escola. Nem tampouco em fomentadores de teorias que nunca vivenciaram a realidade de atuar na rede pública.

A partir de minhas reflexões enquanto docente em início de carreira, com a vivência de quem já militou durante uma década em partidos políticos de esquerda e em movimentos sociais feministas, venho a propôr algumas alternativas que acredito como possíveis em determinados espaços.

Nenhuma delas possui caráter universalizante, tampouco se propõe como dona da verdade. Elas são apenas provocações, inquietudes que venho trazendo aos colegas educadores das diferentes áreas que me têm me auxiliado a construir este trabalho. E são apenas propostas sempre prontas a serem revisitadas.

CONCLUSÕES

A principal questão que deve servir como bandeira quando estudamos as questões raciais é a luta pela igualdade racial. Não pensando em um dia colocar o negro como ser superior, porque estaríamos caindo em outro erro histórico, como quando uma etnia se sobrepõe às outras, como um etnocentrismo. Não é para isso que lutamos. Nossa luta é por igualdade mesmo, por acesso igualitário a qualquer lugar, por tratamento igual inclusive no sistema penitenciário.

Há alguns anos venho fazendo com meus alunos um exercício com um filme de 1995 chamado "A cor da fúria". Quando os alunos o assistem sabem que tem alguma coisa estranha no filme, mas não sabem dizer o que é. O filme faz uma troca de papéis: mostra os negros ocupando grandes cargos nas empresas e discriminando os brancos. Mostra que poderia ter sido o inverso. O interessante quando os alunos assistem ao filme tem sido o estranhamento: dizem que há algo errado, estranho naquilo que estão assistindo.

O negro assume papéis que historicamente são dos brancos, os policiais agridem violentamente os brancos e não os negros. São os brancos que normalmente são os suspeitos dos crimes, são eles quem lotam as prisões, etc. Os alunos se sentem incomodados e garantem que é uma reflexão que até então foi difícil de fazer: como imaginar papéis diferentes em uma sociedade que não nos dá alternativas? Como imaginar que os fenômenos poderiam e podem ser diferentes?

Deixemos a sugestão do filme não só para os nossos alunos, como também para nós mesmos como forma de também nos garantir a reflexão. Em que momento imaginamos que os papéis poderiam ter sido diferentes? Propomos aos nossos alunos sequer imaginar uma sociedade diferente, quando até mesmo nós temos dificuldades de concebê-la?

Uma das alternativas colocadas por mim para discutir a questão da negritude é justamente a valorização da identidade negra. Esse sim um movimento bastante contrário ao instituído. Enquanto nos acostumamos a ver a grande maioria das adolescentes passando seus cabelos com as chapinhas alisadoras, como poderíamos convencer uma adolescente negra de que seu cabelo também é bonito? Como convencê-la de que o bonito não

está no liso ou no crespo, mas no diferente? Que todos os cabelos são lindos e que eles não precisam ser todos iguais?

Há muitos anos a indústria brasileira vem surpreendendo as mulheres negras com produtos que prometem um cabelo maravilhoso, independente da quantidade de formol colocada neles. Há um interessante filme do Spike Lee que aparecem as crianças negras de manhã com os cabelos escabelados. A primeira coisa que elas fazem insistentemente é correr para que a mãe arrume. Afinal de contas, pode ser motivo de risos na escola.

É motivo de brincadeiras e gozações entre os irmãos e pode ser entre os colegas. Impensável ir à escola com o cabelo natural, uma vez que as diferencia radicalmente das colegas brancas. Para MOURA (1988): "A identidade e a consciência étnica, são, assim, penosamente escamoteados pela grande maioria dos negros ao se auto-analisarem, procurando sempre elementos de identificação com os símbolos étnicos da camada branca dominante."

A minha geração que cresceu entre o final dos anos 1980 e princípio dos anos 1990 foi profundamente influenciada pelas apresentadoras de televisão de programas infantis. Coincidência ou não, invariavelmente, todas eram brancas, em sua maioria loiras. Eram elas quem ditavam a moda para aquela geração de crianças e adolescentes, eram imitadas nas ruas, suas músicas eram um sucesso e as meninas usavam o seu penteado. Em seus programas haviam também alguns personagens que eventualmente participavam de quadros. Estranhamente nenhum deles era negro ou índio. O ideal introjetado era sempre em relação à branquitude, não raro víamos crianças negras na rua também utilizando seus penteados. E assim se fez inconscientemente a herança de uma geração...

Lembro do meu pai em casa, que na época era um militante ativo de um partido de esquerda em Santa Maria, sempre questionando meu programa preferido. Afinal de contas eu queria todos os discos, adorava cantar as músicas e a achava uma das mulheres mais lindas do mundo. Quase matei meu pai quando fiz seis anos e ganhei uma caturrita: a batizei com o nome da apresentadora.

E assim se passavam os dias até que ela começou a lançar filmes: os filmes também trazendo uma série de artistas brancos, bonitos e de dentes lindos, todos letrados. Ela sempre começava sofrendo no início, mas....advinhem, no final sempre se apaixonava pelo mocinho, que também invariavelmente se apaixonava por ela e todos tinham uma vida tranqüila e linda no final. Casariam, teriam filhos brancos, normais e saudáveis e sorririam pelo resto de sua existência.

Este é o legado televisivo da minha geração. Sinto desapontá-los crianças que hoje já podem assistir a desenhos com heróis portadores de necessidades especiais, com personagens de aparelhos nos dentes, óculos, cabelo rastafari, filhos de mães feministas, minha geração é um pouco diferente, somos filhos de pais que pegaram os últimos vestígios de uma estúpida ditadura e trazem consigo marcas indissolúveis.

Também nessa época era muito comum a música:

Nêga do cabelo duro
Que não gosta de pentear
Quando passa na baixa do tubo
O negão começa a gritar

Olha a nêga do cabelo duro
Que não gosta de pentear
Quando passa na baixa do tubo
O negão começa a gritar

Pega ela aí
pega ela aí

Pra quê?
Pra passar batom
De que cor?
De violeta
Na boca e na bochecha

Pega ela aí
pega ela aí

Pra quê?
Pra passar batom
De que cor?
De cor azul
Na boca e na porta do céu

Quantas pessoas cantavam e cantam essa música e jamais se questionarão se a música teria feito sucesso se fosse a Loira do cabelo duro. Por que os cabelos das negras precisam ser ridicularizados? O que faz com que seus cabelos sejam considerados ruins ao passo que cabelos lisos sejam considerados bons? Quem disse que cabelo branco é cabelo liso e cabelo ruim é cabelo de negro? Quem instituiu esses valores que assumimos e jamais questionamos?

Segundo MOURA (1988): "Significa que, por mecanismos alienadores, a ideologia as elite dominadora introjetou em vastas camadas de não-brancos os seus valores fundamentais. Significa, também que a nossa realidade étnica, ao contrário do que se diz, não iguala pela miscigenação."

Durante muito tempo a indústria de cosméticos sequer produzia produtos para as mulheres negras. Caso alguma mulher negra quisesse utilizar um batom, por exemplo, deveria usar o mesmo batom de uma mulher branca. Tal como se todos os tons de pele fossem iguais. Demorou muito para o mercado produzisse produtos específicos para as peles negras, por uma questão muito simples: a baixa renda das pessoas negras não lhes permite uma utilização de produtos de beleza, considerados de segunda ordem quando se precisa lutar diariamente pela sobrevivência. Os cosméticos direcionados à pele negra são recentes e ainda escassos no mercado.

A valorização da identidade negra deve iniciar muito cedo na escola, pois quanto antes o aluno tiver orgulho de seu tom de pele e o branco também valorizar a etnia negra, muito mais cedo essas questões serão discutidas. O racismo não será apenas mais uma opressão dentre tantas.

A grande questão que trago a discussão é repensar a questão étnica nos cursos de formação de professores. A falta de uma disciplina específica no currículo não serve e nem nunca deveria servir de desculpa para as lacunas que permitimos que nossos alunos tenham em sua formação.

Um exemplo clássico, para mim muito claro é quando nos deparamos com uma piada típica sobre determinado grupo. O que fazemos? Calamo-nos porque o currículo não diz que devemos falar sobre essas questões ou as aproveitamos enquanto tema gerador. O currículo nunca pode ou deve servir como pretexto para o que não fazemos por pura acomodação.

Para mim, é de grande importância que essa discussão seja feita ainda nos cursos de formação inicial, pois essa pessoa não vai sentir o que eu já no estágio senti: ter que procurar sozinha um referencial teórico que abarque a temática, ter que propor sozinha ações que viabilizem a discussão racial. Estamos em uma instituição justamente para podermos compartilhar e publicar nossas pesquisas, para que possamos compartilhar com os demais o trabalho que estamos realizando. Caso contrário as nossas pesquisas ficam restritas a nós e as pessoas que convivem a nossa volta.

Segundo FREIRE (2001): " A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia." Na verdade quando me ocupo da temática racial também acabo me envolvendo com as demais opressões. Esse trabalho nasce justamente de uma inquietude pessoal contra qualquer tipo de preconceito.

Desde nossa formação inicial nos deparamos com uma infinidade de cursos de formação de professores, o mercado oferece os mais diferentes tipos, pois em algumas instituições eles possibilitam uma mudança de nível para os professores, ao passo que em outras ainda eles possibilitam que o professor comprove uma atualização espécie de reciclagem, de aperfeiçoamento. Portanto é exigido que o professor o faça.

O mercado, por sua vez, já entendeu o quanto isso é rentável. São ofertados os mais diferentes cursos alguns de excelente qualidade, outros de qualidade mediana e outros, sem comentários. Presenciais, à distância, semi-presenciais. Em sua maioria pagos e com preços bastante altos considerando o baixo salário da grande maioria dos professores se comparados aos demais trabalhadores com formação superior. Talvez a classe mais desvalorizada de todas e que mais sofre o tempo inteiro pressão para se manter atualizada.

O mais interessante é que nesses sete anos desde minha formação inicial em que tenho realizado todos os cursos na área na região em que moro tive a oportunidade de participar tão somente de um sobre negritude. O resto abordava as mais diferentes questões, porém vejo como a temática não está colocada enquanto assunto de grande importância.

Enquanto estamos discutindo inclusão esquecemos que historicamente não são apenas os portadores de necessidades especiais os excluídos, porém todos aqueles que por algum motivo não se enquadram no padrão instituído: negros, homossexuais, prostitutas, travestis. Onde eles estão? Quem os vê na escola?

Uma outra forma de resistência e que no Brasil se constitui enquanto um grande marco na história do negro são os movimentos de resistência. A luta pelos direitos dos negros no Brasil é anterior a própria luta pelos direitos civis, um marco na História da humanidade enquanto luta pelos direitos humanos.

Ao contrário da proposição de grande parte dos teóricos a aceitação da condição de escravo pelo negro nunca se deu de forma passiva: o negro sempre tentou transpor essa violência e uma das maiores expressões é justamente ter sobrevivido sua religião trazida da África, bem como outras manifestações, tomemos como exemplo a capoeira e até um pouco da linguagem incorporada a nossa. Talvez a capoeira tenha sido uma das grandes fugas do escravo que não conseguiu se suicidar nem morreu de banzo nos navios negreiros: nunca saberemos o que os negros e índios sofreram na pele, ao terem que assumir uma religião estranha, costumes que não eram os seus, uma língua estrangeiro. Como os índios foram

tornados estrangeiros dentro de sua própria terra? Quem conhece um índio que ocupe um alto posto de trabalho no Brasil, por exemplo?

Por isso sempre tenho presente que o meu trabalho é sempre minha forma de dizer não. Meu trabalho é meu grito na área que atuo: enquanto os colegas estudam inclusão, altas habilidades, formação, estudo aquilo que sempre quis falar sobre o povo negro. É minha oportunidade de propor ações na área que escolhi atuar: a educação.

A mais conhecida forma de resistência negra no período da escravidão foram os Quilombos. Dentre eles o mais expressivo foi justamente o "Quilombo de Palmares". Fico arrepiada só de pensar nele: Palmares ficava no meio de uma serra super fechada, recheada de perigos naturais. Entretanto, era ainda a única forma do negro sentir-se um pouco livre. Porque liberdade mesmo na vida urbana ele nunca teria. Como podemos entender o comércio de pessoas? Como podemos entender, por exemplo, que até meados do século passado ainda se caçavam aborígenes na Austrália?

Essas e outras discussões devem sempre ser de primeira ordem para que este tipo de barbárie nunca mais se repita. Lógico que a sociedade se organiza e vai cometendo outras, mas assim ao menos não repetimos os erros do passado. É como quando voltamos a temática da ditadura militar, embora pareça distante, volta e meia vemos algum político tentando impor medidas de cunho autoritário, acreditando que agindo sob mão de ferro a sociedade se tornará mais calma e menos horrenda. Não acredito nisso. Autoritarismos, sejam eles quais forem só me causam desconforto e náusea.

A resistência do negro abre caminhos para entendermos que apesar de toda a opressão o negro nunca se conformou. Até hoje os movimentos negros, ampliados a partir da abertura política no princípio dos anos 1980, traz consigo a dura marca de um período muito grande de escravidão, somada á difícil idéia de que o Brasil tenha sido um dos últimos países do mundo a abolir a escravidão. Abolição essa feita por já não mais agüentar as pressões dos países que queriam negros livres para que se tornassem

possíveis consumidores, nunca preocupados com a profunda agressão aos direitos ditos fundamentais.

Para MOURA (1994): "Desde as primeiras lutas sociais no Brasil que o negro, ao delas participar, conseguiu ampliá-las e transformá-las em lutas sócio-raciais. Isto é: colocou um componente novo, abriu o leque de participação e reivindicação porque uniu estas lutas de explorados às reivindicações da etnia negra."

O maior ganho na luta do negro no Brasil no âmbito educacional foi a lei federal 10.639/03, que institui nos currículos escolares a História da África e da Cultura Afro-brasileira. Até então nenhuma normativa colocava a História Africana enquanto pertencente ao nosso currículo.

A lei inclui o ensino da disciplina na educação básica, contudo ela precisa de algum tipo de comprometimentos dos docentes, pois na verdade os docentes não a estudaram nos seus cursos de licenciaturas. Ou seja, eles terão que buscar individualmente subsídios para poderem realizar o trabalho. E é justamente ai onde mora o perigo: docentes não comprometidos não terão essa preocupação. Por isso defendo mais uma vez a idéia de que somos enquanto docentes exatamente aquilo que somos enquanto pessoas. Não somos um ou o outro. Somos o mesmo no âmbito da vida e da escola, protegidos pelas máscaras que nos cabem...

E, para não concluir as sábias palavras do músico Chico César:

Mama África (a minha mãe)
É mãe solteira
E tem que fazer mamadeira todo dia
Além de trabalhar
Como empacotadeira nas Casas Bahia.

REFERÊNCIAS

BERND, Z. **A questão da negritude.** São Paulo: Brasiliense: 1984.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1978.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática docente. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FRENETTE, M. **Preto e branco:** a importância da cor da pele. São Paulo: Publisher Brasil, 2001.

GOMES, N.L. **A mulher negra que eu vi de perto.** Belo Horizonte: Mazza, 1995.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

IANNI, O. **Escravidão e racismo.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

MOURA, C. **Os quilombos e a rebelião negra.** 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Sociologia do negro brasileiro.** São Paulo: Ática, 1988.

_____ **Dialética radical do Brasil negro.** São Paulo: Ática, 1994.

MUNANGA, K. (org.). **Superando o Racismo na escola.** 2. ed. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD, 2005.

SANTOS, F. G. S. dos. **Gestão e racismo:** como enfrentar a dialética do preconceito? Monografia (Especialização) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Santa Maria: UFSM/CE, 2006.

SANTOS, N. **Tornar-se negro.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SILVA, P.B.G. Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas. In: **Cadernos CEDES**, Campinas, 1998.

VALENTE, A.L.E.F. **Ser negro no Brasil hoje.** São Paulo: Moderna, 1991.